

O SUJEITO SARTRIANO E SUA EXIGÊNCIA MORAL

THE SARTRIAN SUBJECT AND ITS MORAL REQUIREMENT

Thiago Teixeira *

Resumo

Nosso objetivo é a análise do sujeito existencial enquanto agente nos limites da radicalidade da liberdade sempre em situação. Verifica-se uma relação direta entre a construção do projeto existencial de cada indivíduo e a sua facticidade. Esta, por sua vez, é atravessada por uma relação irrevogável com o outro. Logo, nos proporemos a identificar que no cerne da condição livre do homem se esconde também uma exigência moral.

Palavras-chave: liberdade, existência, moral, Sartre

Abstract

Our objective is about the analysis of the subject as agent in the limits of the situation. Here we read a direct relationship between the construction of each individual's existential project and its facticity. This, in turn, is crossed by an irrevocable relationship with the other. Therefore, we propose to identify that in the bulge of the free condition of man there is also a moral requirement.

Keywords: freedom, existence, moral, Sartre.

1. INTRODUÇÃO

O Existencialismo é reconhecido como a filosofia da liberdade. Inicialmente reconhecemos que o sujeito é a sua possibilidade. Por meio de suas escolhas a realidade humana

* Mestre em filosofia pela FAJE. Professor do Departamento de Filosofia da PUCMinas. Professor do Departamento de Filosofia do Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, em Caratinga/MG. E-mail: thiagoteixeiraf@gmail.com

dá forma à sua própria existência e configura aquilo que Sartre reconhece através da máxima: “a existência precede a essência”(SARTRE, 2010, p. 25). Este sujeito, que nos limites da ontologia fenomenológica de Sartre, é designado como *para-si*, descobre a radicalidade da liberdade, na medida em que se vê em estado de derrelição no mundo.

A realidade do *para-si* se apresenta como liberdade, pois, para Sartre, o homem não encontra nada que anteceda a sua própria existência. Não há nada, enquanto uma substância, que possa determinar o que ele será ou como agirá. Tal esvaziamento do sujeito aparece na medida em que Sartre refuta as visões técnicas de mundo. Nessa perspectiva, o artífice pressupõe em seu intelecto a finalidade daquilo que ele criará. Essa compreensão se opõe à perspectiva do Existencialismo, visto que sua realização feriria a existência do homem enquanto liberdade.

Se concebermos Deus como criador, Ele será na maior parte das vezes, como um artífice superior (...) Assim, o conceito de homem, na mente de Deus, é semelhante a o conceito de corta papel na mente do fabricante; e Deus produz o homem de acordo com técnicas e com uma concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta papel seguindo uma definição e uma técnica. (SARTRE, 2010, p. 24).

Lemos aqui que Sartre, ao negar a existência de Deus, parece colocar uma lente de aumento na realidade humana e lhe dá centralidade em suas discussões. Nesse prisma dois pontos nos parecem relevantes e sobre ele pretendemos desenvolver o cerne do texto.

2. CONSTRUÇÃO PERMANENTE: A REALIDADE DO PARA-SI

Em primeira instância o Existencialismo ratifica a importância de problematizar a realidade humana; todavia, essa mesma condição é desprovida de sentido substancial prévio. Logo, podemos inferir que não há uma dignidade humana que também anteceda à sua facticidade.

O sujeito, enquanto consciência de si, encontra-se longe de si, por isso o termo *para-si*. Esse “para” indica um movimento, uma construção permanente. O Existencialismo descarta toda dimensão que se reitera no ego como uma substância. Sartre, já na *Transcendência do ego* — obra que servira de base epistemológica para *O ser e o nada* — anuncia que o *eu*, enquanto presença no mundo, ocorre no campo do movimento.

Assim, é possível dizer há, no Existencialismo de Sartre, uma renúncia ao solipsismo — visto que a verdade sobre a sua realidade não se acha numa posição de retorno absoluto a um eu interior —, bem como à perspectiva de que há no homem uma substância inata. A consciência, para o existencialista francês, é um fluxo ininterrupto que lança o homem para frente e o impulsiona a construir o seu destino. Ademais, ela é

uma consciência real acessível a cada um de nós (...) Resta o fato de que é ela que constitui nossa consciência empírica, essa consciência “no mundo”, essa consciência com um “eu” psíquico e psicofísico. (SARTRE, 2013, p. 18).

O Existencialismo declara que o homem nada é além do que faz de si mesmo, no mundo. Dito isso, nós retiramos da consciência todo o conteúdo e afirmamos que esse eu será aquilo que empreender de si mesmo, em situação. A partir da consciência de si mesmo no mundo, é que o *para-si* se escolhe como um projeto original. Sendo assim, nós inferimos que ninguém nasce isso ou aquilo, de uma vez por todas, pois não há essência desse ou daquele modo de existir. Destarte, fica evidente que o homem “nada é além do que ele se faz”. (SARTRE, 2010, p. 25).

Se constataremos, assim, que o homem é aquilo que empreende, deixamos entrever que não há outro sujeito responsável por essa ação, senão ele mesmo. Logo, vislumbramos que esse homem é um ser angustiado. Ela, a angústia, aparece como a consciência de que não há uma tábua essencial de valor que determina a própria ação. A angústia aparece, aqui, como uma realidade da existência humana que se encontra abandonada no mundo.

Ao pensarmos a liberdade como característica fundante da realidade humana, nós imediatamente colocamos essa existência diante de um vazio avassalador. Suprimindo a ideia de Deus e dos demais alicerces que dariam suporte à existência do homem, Sartre encerra o sujeito humano numa angústia irrecuperável.

Há, aqui, um pessimismo? É possível dizer que sim, se determo-nos numa leitura apressada. Nós, no entanto, consideramos que o subjetivismo de que se vale o nosso filósofo anuncia que se não há destino prévio e que o homem é profundamente responsável por aquilo que fizer de si mesmo e pelo modo com que afetará a todos, em situação. Assim, fica evidente o otimismo existencialista.

Esse sujeito que é impelido à escolha, sente o que Sartre chama de liberdade opressiva ou condenação à liberdade. Ele não pode fugir de suas escolhas, tampouco da responsabilidade que elas implicam. Vemos, então que há uma relação direta entre a existência do homem e a responsabilidade.

Vale ressaltar que essa responsabilidade não configura uma escolha isolada que se perde no horizonte do individualismo. Ao contrário, se nossas ações são em situação, elas afetam diretamente ao outro. Logo, tratamos de uma corresponsabilidade. Esta se dá no momento em que o sujeito humano é incitado a dar forma autêntica à sua liberdade e constituir valor, escolhendo, assim, a todos os homens.

Não se apequena a importância da ação nos limites do pensamento de Sartre, visto que o homem é o ser que se faz de modo intencional. Resta-nos saber se a ação, aliada à responsabilidade, se configura como elemento moral em Sartre.

Compreendemos que a realidade humana é criada como uma obra de arte na qual o próprio homem é o artista que detém em suas mãos as cores e os projetos. Entendemos essa posse de si como a responsabilidade. O que nos interessa é perceber o homem como aquele que, consciente de seu projeto, constrói sua essência de modo integralmente comprometido. Notamos assim, a tensão que aproxima ação e responsabilidade. Afirmamos, com Sartre, que essa tensão denota a realidade humana.

O existencialista quando descreve um covarde declara que este covarde é responsável por sua covardia. Ele não é assim por ter um coração, um pulmão ou um cérebro de covarde, ele não é assim a partir de uma organização fisiológica, mas sim porque ele se modelou um covarde por meio de seus atos. Não existe temperamento covarde. Há temperamentos que são nervosos, há o “sangue fraco”, como dizem as pessoas, ou temperamentos ricos. Mas o homem de sangue fraco não é necessariamente covarde, pois o que define a covardia é o ato de renunciar ou ceder; um temperamento não é um ato; o covarde se define a partir dos atos que realiza. O que as pessoas sentem obscuramente e lhes causa horror é o que o covarde que apresentamos é responsável por sua covardia. (SARTRE, 2010, p.44).

Na ausência de uma natureza, a existência — que é anterior à essência — indica a condição humana. Assim, não há natureza de covarde, herói ou medroso, uma vez que o homem será aquilo que fizer de si mesmo. Ao se construir, isto é, ao se assumir como resignado, ou qualquer outro modo de ser, assim será o desenho de seu projeto existencial.

Não há, no Existencialismo humanista a verticalização da definição de homem. Este se lança de modo horizontal na construção de sua existência. Negamos, orientados por Sartre, a existência de um coração, um pulmão ou um rim de covarde. O que o homem se tornar depende de suas escolhas não de uma natureza impregnada numa essência ou resvalada em sua fisiologia. Deste modo, a configuração da essência está na iminência de ser construída.

Reconhecemos que nosso autor afirma que os homens se iludem quando creem que nascem covardes ou heróis (SARTRE, 2010, p. 44). Se, de fato, o homem nascesse com a essência de herói ou covarde seria afastado da responsabilidade de suas ações e seria entregue a um profundo quietismo.

Ademais, se assim o fosse não haveria angústia, visto que esta se apresenta como a consciência da ausência no miolo do ser do homem que o lança rumo a tornar-se. A angústia é correlata ao processo de configuração de si, pois o homem que se vê entregue à gratuidade da existência é incitado a fazer-se dentro das possibilidades. Possibilidades estas que estão a sua frente, visto que o passado é *em-si* e, por sua vez, inalterável. Nesse sentido, a angústia se interpõe entre a liberdade e a construção permanente do homem que traz a si todo o encargo de seu ser.

É preciso que o homem fuja de condutas nas quais ele se totaliza e que, por sua vez, abafam a angústia como compreensão do ser que está aberto aos possíveis. Ao se vincular ao *espírito de seriedade*, por exemplo, a realidade humana se engessa e o homem se entrega a uma completude virtual e irresponsável.

O Ser e o Nada terminou em “perspectivas morais” pela crítica ao espírito de seriedade que exhibe o desespero “que todas as atividades humanas são equivalentes, uma vez que eles tendem a sacrificar tudo para o homem trazer para fora a causa de si, mas todos estão fadados ao fracasso. Assim ele mesmo se inebria solitariamente ou conduzido por outras pessoas. Se qualquer uma dessas atividades supera o outro não será por causa de seu propósito real, mas por causa do nível de consciência que tem sua meta ideal” (EN 691). (NOUDELDMANN; PHILIPPE, 2004, p. 325).¹

¹L'Être et le Néant s'achevait sur des perspectives morales "perspectives morales" par la critique de l'esprit de sérieux qui découvre dans le désespoir "que toutes les activités humaine sont équivalentes — car elles tendent tout à sacrifier l'homme pour faire surgir la cause de soi — et que toutes sont vouées par principe à l'échec. Ainsi revient-il au même de s'enivrer solitairement ou de conduire les peuples. Si l'une de ces activités l'emporte sur l'autre, ce ne sera pas à cause de son but réel, mais à cause du degré de conscience qu'elle possède de son but idéal" (EN 691). (NOUDELDMANN; PHILIPPE, 2004, p. 325),

Ao renunciar o *espírito de seriedade* que, nesse caso, obnubila o homem de sua própria existência, este mesmo homem toma consciência de sua existência que está aberta. Essa consciência angustiada da abertura aos possíveis é o que chamamos, em Sartre, de responsabilidade.

A responsabilidade o coloca diante de si e de todos. Comprometer-se consigo indica uma preocupação com todos os homens. Há aqui uma atenção para consigo mesmo e para com o outro. O homem escolhe a si mesmo e, ao fazê-lo, escolhe a humanidade por inteiro, isto é,

Nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo. Se eu sou um operário e escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignação é, no fundo, a solução que convém ao homem, e que o reino do homem não se dá nesta terra, eu não estou decidindo apenas no meu caso particular: eu quero resignar-me por todos, conseqüentemente, minha escolha envolve a humanidade inteira. E se eu quero algo mais individual, casar-me, ter filhos, embora este casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com isso eu estou envolvendo não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade na prática da monogamia. Assim sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem de homem que escolho ser; ao escolher a mim, estou escolhendo o homem. (SARTRE, 2010, p.29).

O homem sério — aquele que se agarra ao protótipo de má fé —, isto é, o que se molda na recusa do valor atesta a sua tentativa de funda da angústia e da responsabilidade. Ao determinarmos esse espírito como o movimento de considerar os valores transcendentais e maiores que os homens, identificamos que um sujeito que se baseia nessa conduta, se esquiva da consciência de que o valor parte e perpassa a sua ação concreta e livre. Assumir a existência e sua abertura enquanto projeto é lançar-se num horizonte de angústia e de responsabilidade.

Não raro, a responsabilidade implica a radicalidade de escolher a si mesmo e concomitantemente, escolher aos outros. Antes de adentrarmos na questão da universalidade da escolha que, por sua vez, se firma na universalidade do projeto do homem enquanto tal cabe-nos apontar a importância da escolha e sua relação com a responsabilidade, visto que este encontro se dá no campo da necessidade.

Vale lembrar que Sartre encontra algo no fundo da responsabilidade: a angústia. Ela aqui não se apresenta como motivo ou fundamento de uma postura inerte diante da vida. Ao contrário, inclina a realidade humana à ação. Uma ação que, embora alcance a todos, se origina na solidão.

O filósofo utiliza o exemplo do chefe militar que assume a responsabilidade de atacar seus inimigos e envia certo número de homens à morte.

É incontestável o fato de que aquele homem agiu, visto que é possível identificar um projeto, uma intenção e a previsão, mesmo que não total, dos fins previstos. Diante deles estão abertas todas as possibilidades, ou seja: de enviar os soldados ou não? Quantos soldados? Quais soldados? No entanto, ao escolher e tomar uma decisão aquele militar conhece a angústia.

Ele também faz surgir, ao se angustiar, o valor e isto porque o único sentido dado será aquele imbricado à escolha daquela possibilidade e a recusa de todas as outras. Isso não impede que o homem aja, ao contrário, é a condição mesma de sua ação na medida em que as ações ocorrem com vistas a alterar uma realidade posta. Logo, o homem se angustia e se lança nesse jogo rumo àquilo que ainda não é.

Ele se encontra nesse horizonte de angústia e de responsabilidade com a exigência de que seja o legislador, isto é, quem escolhe a si e a todos, imprimindo sentido ao mundo. O nada, que por ele emerge, indica sua responsabilidade, ou seja, a ausência “de” algo que sustente ou totalize o sentido da existência e de tudo aquilo que a circunda. Logo, esse mesmo homem possui uma responsabilidade larga e profunda, visto que não há valores, sentidos e essências dadas, há somente a constatação de que tudo o que surgir, a partir de sua liberdade, deverá ser criado e recriado constantemente.

A condenação do homem à sua liberdade faz com que ele traga a si a responsabilidade pelo mundo humano que ele constitui. Toda escolha humana designa um valor que não é divino, mas também humano. Logo, na medida em que cria a si mesma e escolhe, a realidade humana indica uma determinada maneira de existir. O homem é condenado também a essa responsabilidade. Sartre entende a responsabilidade do homem em ter consciência de que é autor indelével de um acontecimento ou de um objeto.

A responsabilidade é correlata ao ser do *para-si*, uma vez que este faz com que haja mundo e ao mesmo tempo se afirma nesse mesmo mundo criado. Colocamos em relevo um dado significativo: a situação. A criação de sentido do mundo ocorre concretamente e de modo situado neste mesmo mundo. É necessário então que o *para-si* assumam conscientemente a situação com vistas a transpô-la.

As adversidades impostas pelas situações, ainda que se apresentem como insuportáveis, não devem retirar do homem a “consciência orgulhosa” (SARTRE, 2009, p. 678) de ser autor de sua existência e do próprio mundo, na medida em que é através de sua existência que o sentido e o valor emergem na realidade. As piores condições que se contrapõem ao homem não fazem outra coisa senão fazer com que ele mesmo compreenda o encargo de existir e de fazer-se.

Assim, as condições de adversidade que atingem o homem, adquirem sentido e são transpostas enquanto esse mesmo homem compreende o ser que ele é, ou seja, aquele que intencionalmente transvalora a realidade. Liberdade e situação não são excludentes, visto que

O próprio “sítio”, enquanto tal, existe por causa mesmo da liberdade. Além disso, com já sabemos um sítio só possui sentido por causa de nosso projeto livre. Se o meu fim é alcançar uma cidade a vinte quilômetros de distância por uma estrada asfaltada, essa cidade está muito mais próxima de mim do que a montanha sem acesso que vejo a apenas cem metros de distância, com 800 metros de altura, que não tenciono escalar. Heidegger observa, nesse sentido, que os óculos que tenho sobre meu nariz e que não percebo enquanto aprecio uma paisagem estão infinitamente mais longe do que a paisagem que vejo a quilômetros de distância. O termo “distância” é aqui mal empregado, porque “distância” nada tem a ver com geometria: só pode existir pelo prisma do meu projeto. As coisas do mundo do *Em-si* ignoram o que seja distância: podem estar justapostas, em mútuo contato, lado a lado, acima ou debaixo da outra, ou separadas, mas sempre, entre elas, só existem relações de exterioridade. Quer dizer: em relacionamento que se auto-ignora. Só a presença humana *presencia* a relação espacial entre as coisas mundanas: estas são “presentes” umas às outras — ao contrário, estão ausentes, desconhecem o sítio que ocupam no espaço e a distância que as separa. (PERDIGÃO, 1995. p. 96).

Só a realidade humana pode, pelo deslocamento que lhe é possível, ter consciência de sua presença no mundo como falta e, mais, dar sentido a esse mesmo mundo ao percebê-lo. Ao compreender a realidade e se lançar num processo de criação permanente a partir de seu projeto existencial, ele se afasta da resignação.

Com efeito, responsabilidade e resignação são campos largamente distantes, visto que a responsabilidade é a reivindicação da liberdade que sou enquanto ser dos possíveis. Estruturalmente a liberdade exige responsabilidade, pois o homem escolherá constantemente sua essência. Logo, ao agir trago a mim a radicalidade do que empreendo enquanto humano e, na mesma esteira, também assumo ao fazer algo com outrem o compromisso do que realizo, pois estamos num horizonte estritamente humano.

Constatamos que tudo o que há e ocorre mesmo nas situações mais conflitantes, denotam o que é humano. Tentar se esquivar, dizendo que as atrocidades indicam ações inumanas, é um erro. Ao fazê-lo, tentamos retirar de nossas costas o peso da escolha e nos entregar a uma categoria que nos faz escapar da responsabilidade do que somos ou fazemos.

3. A ABERTURA DA REALIDADE HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES MORAIS

Para nós, está claro que o homem não é nada inicialmente e escolhe a si mesmo enquanto projeto. Já num segundo ponto de análise, tem-se o problema concernente ao que podemos dizer das condições materiais e situacionais? Elas não afetariam a esse homem? Com efeito, a situação exige a liberdade enquanto atualizadora, mas ela não engessa homem ou o coloca como *em-si*, isto é, capaz apenas de agir mecanicamente ou positivamente.

Neste caso, sua existência escorreria por seus dedos, não seria sua, visto que suas atribuições não seriam por ele configuradas. Tudo o que o homem realiza é seu. A guerra, o sistema econômico e a moral pertencem a ele. Cabe-lhe então a escolha que o impulsiona a agir. Esta ação indica seu compromisso total.

Esta ação indica seu compromisso total. O homem se engaja, a fim de constituir sentido a sua existência e comprometer-se radicalmente com o que constata ser a melhor forma de ser humano. O engajamento é, a nosso ver, o meio pelo qual a transcendência humana expressa, em alto grau, o valor que constrói.

Nesse sentido, engajar-se é assumir sua época, os seus valores e, sobretudo, a humanidade. Assumir e reconfigurar horizontes são aqui sinônimos. Através do engajamento, o homem — a partir de sua escolha que é subjetiva — se lança à universalidade concreta, visto que essa universalidade

não é dada, e sim permanentemente construída. Edifico esta universalidade ao escolher-me. Eu a construo compreendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja. Este caráter absoluto da ação de escolher não suprime a relatividade de cada época. O que o existencialismo pretende mostrar é, principalmente, a relação entre o caráter absoluto do engajamento livre, pelo qual cada homem se realiza ao realizar um tipo de humanidade. (SARTRE, 2010, p. 49-50).

Notamos que desse modo Sartre não suprime ou encerra suas investigações numa constatação da verdade do mundo e, sobretudo do homem, na esfera da subjetividade, ou melhor, no solipsismo. Sartre coloca o homem, resguardando sua transcendência horizontal, frente à universalidade que se firma no projeto existencial que está presente em todos os homens, mesmo que se diferencie sob o prisma das situações.

O trânsito entre a solidão e a presença concreta no mundo que abarca a todos através do projeto existencial pode ser expressa a tensão entre o sujeito e a universalidade, visto que esta também denota seu compromisso.

Todos os sujeitos vivem e se inventam em sua situação, no entanto, algo os aproxima. O quê? O fato de que todos eles se fazem a partir de seu projeto. Logo, ser homem é ser responsável por todos os homens. Nesse sentido, aproximamos a responsabilidade e a ação da moral, uma vez que o homem é largamente responsável pela imagem do humano que constrói e pelo modo que esta afeta a todos os homens de sua época. Moral e realidade são iluminadas pelo homem, ou pelos homens que se compreendem como autores angustiados de todos os seus horizontes.

Não obstante, é impossível esquecer o fato de que o homem é lançado no mundo e sua existência se firma na gratuidade. Logo, ele é responsável por tudo que faz de si mesmo e pelo que afeta ao outro. É importante lembrar que o homem está desamparado no mundo. Aqui surge sua responsabilidade. Este desamparo não é semelhante a um objeto que desliza passivamente sobre uma planície, isto é, não se reduz a recusa de agir ou de escolher responsabilmente, visto que o homem é responsável até pelo desejo de se esquivar dessa responsabilidade.

Aqui está o ponto central de nossas discussões acerca da responsabilidade e seu liame com a realidade humana: a escolha do homem por si mesmo e por todos os homens. Ademais, vale ressaltar que essa escolha ocorre de modo concreto, horizontal, pois não há nenhum indício de valor que seja, para Sartre, anterior à existência e o movimento existencial de construção da essência humana.

Escolha e responsabilidade se relacionam profundamente. Aderir a si mesmo indica a facticidade. A escolha se liga à facticidade, pois nela o homem age de modo a transcendê-la. Somos responsáveis por nós e pelo que decidimos fazer a partir das condições objetivas.

Tomamos nossa existência desde o nosso nascimento. Ter responsabilidade, em certo sentido, por nosso nascimento pode soar estranho e, por isso, cabe esclarecer que certamente nosso nascimento bruto nos escapa, isto é, não apreendemos tal fenômeno e, por isso, ele nos é

inapreensível. Como podemos ser responsáveis por nosso nascimento se este mesmo nos escapa como fato bruto?

Sartre afirma que através da projeção do *para-si* tomamos a facticidade e a responsabilidade do nosso nascer, isto é, entendemos nosso lançamento nesta realidade e nos envergonhamos, nos regozijamos ou nos assombramos com essa gratuidade. Fato é que transcendemos aquele fenômeno que se firma na gratuidade da existência rumo à configuração do que podemos ser. Todo o horizonte humano então é construído a partir da escolha do homem e essa escolha se diz até pelo seu nascimento, isto é,

a facticidade está em toda parte, porém inapreensível; jamais encontro senão a minha responsabilidade, daí porque não posso indagar “*por que nasci?*”, maldizer o dia de meu nascimento ou declarar que não pedi para nascer, pois essas diferentes atitudes com relação ao meu nascimento, ou seja, com relação ao *fato* de que realizo minha presença no mundo, nada mais são, precisamente, do que maneiras de assumir com plena responsabilidade este nascimento e fazê-lo *meu*; também aqui só encontro comigo e meus projetos, de modo que, em última instância, minha derrelição, ou seja, minha facticidade, consiste simplesmente no fato de que estou condenado a ser integralmente responsável por mim mesmo. Sou o ser que é como ser cujo ser está em questão em seu ser. E este “é” de meu ser é como sendo presente e inapreensível. (SARTRE, 2009, p. 681).

O Existencialismo entende a existência humana como derrelição. A partir dessa condição torna-se encarregado pelo que empreender de si. Estar jogado no mundo, isto é, ausente de significados prévios entrega o homem radicalmente na tomada de sua vida. Ela é sua. Esse homem, todavia, não está só na facticidade, isto é, ele encontra com os outros que o olham e são intermediários dele consigo mesmo.

O homem, portanto, é responsável por seu projeto, sua subjetividade que ocorre de modo factual, pela imagem do homem que se realizará em seu tempo e por uma universalidade, que não é abstrata, mas sim concreta. Destarte, a situação se interpõe nessa discussão, uma vez que a existência humana, bem como a moral será situacional. É através da situação que os homens decidirão e assumirão suas ações. Estar situado, deste modo, é reconfigurar os valores através das relações entre existência e história.

Logo, notamos a distância presente entre as perspectivas morais sartrianas em relação às considerações éticas de Kant que, por sua vez, se firmam no modelo do Imperativo Categórico. Para Sartre, o homem não está à mercê de formalismos éticos como o imperativo kantiano, mas

entregue à condição ontológica da liberdade que lhe permite entrever uma moral concreta e aberta, visto que o valor, assim como o homem nunca será totalizado.

Tudo pertence ao homem: o mundo, a situação e o valor. Sendo assim, ele se angustia, pois é altamente responsável por tudo isso que está à espera que ele ilumine e crie sentido. Ademais, a consciência de sua derrelição faz com que ele transite entre a angústia e a responsabilidade, ao passo que ele é integralmente responsável pelo seu ser que está constantemente em questão.

Sartre entende que a ação que se relaciona categoricamente a responsabilidade, pois fazer-se implica engajar-se radicalmente e, mais, não se trata de uma transcendência abstrata, ao contrário, agir implica responsabilidade com uma situação, ou seja, com as condições concretas de existência. Logo, a transcendência é concreta.

4. ENTRE A EXISTÊNCIA HUMANA E O VALOR

Podemos dizer que o nada que surge a partir da realidade humana e faz com que ela mesma nadifique o que há. Isso denota a recriação empreendida pela realidade humana. Os novos valores, bem como os novos sentidos, florescerão quando o homem se lançar e reconfigurar o mundo. E, sobre isso, Sergio Moravia nos diz:

É inútil perguntar que coisa “determinada” deseja o homem. O objeto de seu desejo enquanto que, por definição, sempre situado para lá do seu ser, é um não-ser. Um não ser que, todavia, no próprio momento em que o deseja, o homem faz ser (...) Destes fundamentos resultará a concepção integralmente laica e mundana da moral (e da axiologia), que constitui uma das linhas condutoras de todo o pensamento sartriano. (MORAVIA, 1985, p.44-45).

Não nos percamos. Ao adentrarmos numa dimensão axiológica, devemos entender que o valor não existe como os objetos, isto é, passivamente. Se o valor possuísse tal existência, estaria no campo do *em-si* e, como sabemos, é o homem quem ilumina o mundo.

Ao iluminá-lo, assume como modo de ser, o ser do *para-si*. Desta feita, os valores surgem, assim como surge à essência humana, num processo permanente de construção e figuração da situação. Aquilo que está para além do homem e que suprime a sua subjetividade — que se diz pela liberdade —, é rechaçado por Sartre. Destarte, o valor não pode ser *a priori*, ele não pode

situar-se num céu inteligível dando a entender que é total e acima dos homens, visto que o mundo, como sabemos, é humano e o homem só pode fazer algo a partir do não-ser, jamais daquilo que é pura positividade.

O homem existe no horizonte do possível e só existe possibilidade e valor porque existe homem. A transvaloração ocorre na medida em que os homens assumem o Nada em seu ser que desfaz, a fim de construir novamente, num fluxo humano de existir. Dito de outro modo:

a iluminação do Ser se faz a partir do Não-Ser: eu compreendo o estado da França, de meu partido político, de meu grupo confessional a partir daquilo que eu gostaria que ele fosse, a partir daquilo que eu planejo fazê-lo tornar-se. Em outras palavras, o Não-Ser intervém diretamente como estrutura da verdade ou da iluminação do Ser. (SARTRE, 1990, p. 42).

O filósofo refuta as compreensões absolutas de bem e mal, por exemplo. Considera, assim, que esses valores são criados pelo homem através de suas escolhas e não existem distante dos homens.

Não existe o bem vertical anterior e acima das dos homens. O bem se refere à escolha sobre si mesmo e pelo mundo humano a nossa frente. Esta escolha está impregnada de responsabilidade.

A axiologia, considerada a fenomenologia do valor, insere-se na ontologia fenomenológica. O em si não pode constituir para ele mesmo valor. Toda a questão axiológica põe-se em um *mundo humano*, já que somente existe valor a partir do para-si, um ser que dá sentido à sua própria falta e ultrapassa o ser (CASRTRO, 2016, p. 269).

Distanciamo-nos, então, das concepções totalizadoras do ser que se arrastam ao campo moral, por um motivo óbvio: se o homem se esquivava da angústia que é a consciência de sua liberdade e concomitantemente de sua responsabilidade a partir dessas válvulas de escape que são as perspectivas totalizadoras, ele se envereda no caminho da má fé, ao trazer essas condutas ao universo axiológico. Ele também será pautado nessa enganação que ele próprio se coloca a si mesmo.

Sendo assim, o valor só pode ser entendido através do movimento e da abertura correspondentes à realidade humana. Ao engessar o valor, as leis e os preceitos nestes elementos o horizonte axiológico se torna dado e finito e, por sua vez, se distancia de sua origem real, ou

seja, a existência humana. O valor não pertence a outro ser que não o homem, isto é, se refere a uma suspensão da existência humana rumo à consciência futura.

Os valores só são eficazes quando eles se encontram abertos, assim como a realidade humana. Ao serem colocados no âmbito da totalidade, estes deixam de ser valores, uma vez que o valor entra no mundo através das potências do para-si e pertencem a um futuro nunca acabado. Aqui está o problema em aderir ou apoiar-se em valores universais abstratos e totais e necessários como fazem os moralistas, visto que estes valores nos remetem ao espírito de seriedade e aos seus problemas.

Ao afastarmo-nos das condutas totalizantes, voltamo-nos ao campo da responsabilidade, isto é, na ausência, que se apresenta como elã existencial do homem ele mesmo deve inventar-se.

A partir da derrelição há a criação. O existencialista francês, nos *Cahiers pour une morale*, afirma que o campo moral ocorre “na atmosfera da falha”². (SARTRE, 1983, p. 19). Ora, o que Sartre pretendeu fazer ao aproximar falha e moral? Não nos percamos em erros. Falha aqui denota a impossibilidade de uma moral ser calcada em valores absolutos e além da realidade humana.

Ora, o que Sartre pretendeu fazer ao aproximar falha e moral? Não nos percamos em erros. Falha aqui denota a impossibilidade de uma moral ser calcada em valores absolutos e além da realidade humana. A moralidade é humana e, assim como, o homem está para a possibilidade, pelo que não é pleno. Falha aqui não nos parece ser sinônimo de conduta imoral, mas expressão da abertura que é inerente por definição à moralidade. A existência em seu corpo — a liberdade — está aberta e essa abertura prende o homem à responsabilidade moral.

A realidade humana está condenada à liberdade de seu ser, à responsabilidade e a escolher a moral como escolha de si, do outro e das situações. Ao escolher estes elementos entendemos que a moral não pode ser senão concreta, isto é, a moralidade ocorre objetivamente. Sartre se afasta de universalismos abstratos e se torna um defensor de uma perspectiva de universalidade concreta. A moral é uma teoria da ação³ e, como sabemos, uma ação abstrata é inútil quando tratamos da transformação de uma situação concreta.

²À la vérité, originellement la morale a lieu dans une atmosphère d'échec. (SARTRE, 1983, p. 19).

³La morale c'est la théorie de l'action. (SARTRE, 1983, p. 24).

Nesse sentido, o homem é integralmente responsável por sua situação e pela ação que empreenderá. Sartre entende que o elo entre todos os homens, isto é, o traço de universalidade compreensível é o projeto existencial. Este, por sua vez, ocorre de modo situacional e como invenção permanente do homem, ou dos homens que se encontram e se olham. É preciso então que os homens assumam a história e a sua história, a fim de que possam transcendê-la. Há aqui uma tensão entre o particular e o universal.

Esta tensão ocorre, pois, como nós afirmamos há pouco, no projeto humano que universaliza o homem. No entanto, cada homem é uma existência particular. Ante o exposto, declaramos que a ação humana é ambígua. A ação moral é particular, pois é a partir do homem concreto que se dão os sentidos e cada homem compreenderá e agirá numa situação concreta, como por exemplo, se engajar, junto a outros, para fazer uma greve.

Notamos que a ação e a responsabilidade se engrazam numa axiologia sartriana, isto é, o homem se faz, cria sentido e recria o mundo a partir de novos valores. Isso o coloca mundo a sua frente e cabe a este mesmo homem desvelá-lo e dar-lhe sentido, engajar-se de modo radicalmente responsável. Notamos então que a ação e responsabilidade podem ser entendidas como elementos morais presentes no existencialismo de Sartre.

Ao agir cada homem escolherá a todos, o que entendemos como uma adesão universal e concreta pelo humano. Não raro, o engajamento é compreendido, nas perspectivas de Sartre como essa adesão do homem particular ao horizonte maior de compromisso. Se, o engajamento, denota ao mesmo tempo a ação e a responsabilidade como expressão do homem que traz a si sua existência e o mundo que o cerca, devemos nos perguntar: que relação há entre o engajamento e a moral da existência?

CONCLUSÃO

Ao existir o homem escolhe. Ao escolher, ele se torna responsável pelo que faz, e isto porque não há nenhum valor *a priori* que determine ou valide sua adesão. Sartre postula a existência que se abre ao horizonte dos possíveis. Essa escolha por si e pelo mundo é total. Ele pode, todavia, não escolher, mas deve estar ciente de que não escolher já é uma escolha.

No afã de escolher, este mesmo homem adere um sentido e constrói sua existência a partir dali. Engajar-se, então, pressupõe a responsabilidade com um tipo de humanidade que é larga e profunda. Ele se escolhe e escolhe também a todos os homens de sua época.

Vale lembrar que esse caráter absoluto da escolha e da ação não suplanta a relatividade das culturas. Isso significa que escolher faz parte do projeto existencial e é por isso que há uma “universalidade de todo projeto” (SARTRE, 2010, p. 48). No entanto, a escolha será uma adesão consciente direcionada a uma realidade situada, com seus problemas e dificuldades a serem transpostas.

Sendo assim, a universalidade se relaciona ao o projeto humano, isto é, ela se maximiza quando encontra a condição humana de criar-se como ser do *para-si* e, ao mesmo tempo, é particular, pois este fazer a si mesmo não é desprendido do mundo, mas se dá de modo situacional e concreto. Logo, universal, moral, ação e responsabilidade permeiam o campo que nós, chamamos aqui, de transcendência horizontal.

A situação enquanto elemento principal do engajamento da liberdade dos homens não pode ser considerada, em sua contingência, um dado bruto. Se assim, fosse ela seria um mecanismo supressor da liberdade dos homens e, como sabemos, é impossível que se suplante a liberdade, visto que ela é condição elementar da existência humana. Logo, a situação não constrange ou abafa a liberdade, ao contrário, é nela e por ela que o homem transcende.

Sua liberdade *ilumina* (SARTRE, 2009, p. 600) o mundo dando-lhe sentido. Podemos dizer que a realidade humana age e, ao fazê-lo, estabelece automaticamente um fim, qual seja: posicionar valor ao mundo, como fim da liberdade. Nascer é, sobretudo, ocupar um lugar, ou seja, uma facticidade e cabe ao *para-si* nadificá-lo e recriá-lo numa constante.

Engajar-se, denota tal compromisso, isto é, assumir a facticidade como se assume a própria vida: criando-a. Devemos, segundo nosso autor, nos declarar profundamente responsáveis por nossa situação. Contudo, só somos livres em situação. Iniciamos este capítulo levantando a seguinte questão: o engajamento denota um aceno à moral da existência?

Ao constatarmos que o homem cria sentido e valor, quando se compromete com a realidade que o cerca e, deste modo, empreende transcendentalmente sua superação. Os novos valores surgem como rompimento da ordem vigente e opressora afirmando assim a liberdade que é o homem. Deste modo, ação e responsabilidade apontam para o engajamento que, por sua vez, expressa um compromisso moral do homem com seu projeto. Sabemos que, ao assumir-se concretamente, este mesmo homem assume a todos os outros.

É possível que considerar que atravessamos um momento profundamente hostil na atualidade. Momento esse em que nos deslocamos de uma constituição real dos valores pautados,

sobretudo, na responsabilidade e na escolha que deveria abarcar a todos, de modo concreto. Desse modo, diante da complexa situação ético-política da atualidade mostra-se mais do que pertinente retomar a leitura sartriana e apreender com os existencialistas um pouco da *ética da responsabilidade*.

REFERÊNCIAS

- BEUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CASTRO, Fábio Caprio Leite de. **A ética de Sartre**. São Paulo: Loyola, 2016.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução Tania Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).
- MORAVIA, Sérgio. **Sartre**. Tradução de José Eduardo Rodil. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- MÜLLER, Marcos. A má-fé e a teoria da negação em Sartre. **Manuscrito.V.V**, n.2, Campinas, 1982.
- MÜNSTER, Arno. **Sartre et la Morale**. Paris: L'Harmattan, 2007.
- NOUDELMANN, F.; PHILIPPE, G. **Dictionnaire Sartre**. Paris: Champion, 2004.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência & Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- PFIEL, Claudio Luis. Moral em Sartre: uma porta para o possível. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário**. São Paulo: Idéias& Letras, 2008. p.147-161.
- SANTOS, Magda Guadalupe dos. Alteridade, Facticidade e igualdade: leituras de Sartre, Beauvoir e Levinas no processo de radicalização da Metafísica no século XX. In: OLIVEIRA, Ibraim Vitor de; SANTOS, Magda Guadalupe dos (Org.). **Tempos da Metafísica**. Belo Horizonte: Tessitura, 2011, p. 53-93
- SARTRE, Jean-Paul. **Cahiers pour une morale**. Paris: Gallimard, 1983.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul ; PIERRE, Victor ; PHILIPPE, Gavi. **Porquê a Revolta?** Lisboa: Sá da Costa, 1974.

SARTRE, Jean-Paul. **Verdade e existência.** Tradução Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I.** Lisboa: Europa-America, 1968.